

Na aldeia ou na cidade: Mídias digitais e seus impactos sociais¹

Maria Isabel de Oliveira da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional (UFRJ/RJ-Brasil)

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social

Resumo

O presente artigo traz reflexões sobre as questões de mídias digitais no Município de São Gabriel da Cachoeira inserido na região do alto Rio Negro, o maior rio de águas pretas do mundo e o maior afluente da margem esquerda do rio Amazonas, fazendo fronteira com a Colômbia e Venezuela. É uma região de ampla variedade cultural, pois, congrega 23 povos indígenas pertencentes diferentes famílias linguísticas e, que perfazem 95% da população, sendo o primeiro município no Brasil a cooficializar as línguas indígenas, Nheengatu, Tukano, Baniwa e Yanomami. Devido ao isolamento geográfico da cidade, o acesso só é possível pelas vias aérea ou fluvial. Desde 2014 no Instituto Federal do Amazonas conta com o Curso Técnico em Informática e vem desenvolvendo a inserção dos alunos ao universo da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). Uma vez que é contínua a sua utilização a partir da inclusão digital atendendo demandas e necessidades do cidadão independente de sua cultura, credo ou religião. A Antropologia e as tecnologias sempre são um desafio devido a sua complexidade de informações. A princípio temos como referência ao Bruno Latour o mais conhecido etnógrafo laboratório que vislumbra além de um termo técnico trabalhado em sua pesquisa de campo, fazendo abrir novos horizontes para uma antropologia cultural a partir de pequenas moléculas como formas de sociedade. Hoje temos experiências de tecnologias que perpassam por vários meios sociais e nada é impossível desde que haja um diálogo com as culturas para entender a sua linguagem, sua interação social, seus costumes, seus povos e sua relação de redes de informação que utilizam entre si. Entende-se que são novos meios que abarcam na vida dos povos indígenas e que estão envolvidos com as informações tradicionais há décadas a partir de sua cosmologia. Pode-se perguntar, como os povos indígenas encaram ou visualizam esta nova realidade das mídias digitais com novo formato de interação e comunicação. Quais são as informações que circulam entre os

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

indígenas a partir desses avanços tecnológicos considerados como “não humano”, mas que agem como “humanos” realizando ações ou pensamentos artificiais a partir de sua inteligência programada. A partir de suas inteligências artificiais, quais os impactos sociais que deixam marcas nas culturas dos povos indígenas do Alto Rio Negro.

Palavras chaves: Mídias digitais, povos indígenas e identidade cultural

Introdução

Um novo mundo *virtual* se aproxima entre os povos indígenas com rosto diferente causando curiosidades, ao mesmo tempo mediada por um algo invisível que é o “*digital*” e seu auxiliar “*sensível*”, que ao usar uma parte do membro e outro objeto, se conectam um ao outro dando uma resposta ágil para si mesmo e em seguida ao remetente que aguarda uma resposta para se conectar a sua memória humana iniciando um círculo de informação aprendendo a compartilhar ideias, pensamentos e experiências através de novos modos de produzir e consumir conteúdo (Rocha&Alves pg.222/2010). As tecnologias e mídias digitais são relações bilaterais no mundo contemporâneo que influenciaram as aldeias ou nas áreas urbanas, trouxeram novas formas de comportamentos, impactos sociais, modos de expressão, fluxo e influência na comunicação. A suas temporalidades tornam-se instantânea, não importando os lugares e o tempo em que elas estão conectadas e presentes, sejam ela *online* ou *offline*, sempre estará levando informações direta ou indiretamente aos outros usuários.

As informações são variadas e podem ser limitadas e ilimitadas, ilimitadas que coloco nessa discussão é a sua alta capacidade de informação e limitada é a sua capacidade de memória através de chips e cartões de memória como imagens, áudios, vídeos que cabem em um pequeno aparelho, atingindo seu limite máximo de memória. Quando o seu uso é online a sua capacidade e o fluxo de informação se torna bem maior, pois são redes conectadas ao mesmo tempo.

A antropologia muitas vezes não consegue dialogar com as tecnologias devido o seu limite de compreensão, importando com as etnografias, memórias e outros, fazendo o seu papel de observador entre povos. Esse é um ponto que gostaria de discutir neste parágrafo. A grosso modo, quando, a internet chegou nas aldeias, os que ainda não tinham contato com o aparelho e o mundo virtual, ao se aproximar

ou visualizar um aparelho quase que falando, começou a se pensar como pode algo tão “misterioso” acontecer assim. Não havia movimento, apenas tocava ele realizava tarefas, a resposta era automática. Imaginem na cabeça do pensamento indígena, é um processo lento de entender de como o “branco” teve a capacidade de criar um novo meio de comunicação. Uma senhora perguntava “como é essa internet? É como se fosse gente que que fica lá em cima? Porque não acredito que consigo falar com minhas filhas tão longe e vejo elas por aqui, ela se referia a tela do celular. O que faz isso?, eu queria entender. Acho que quem trabalha com isso tem que ter muita paciência porque as vezes ele não vem e todo trabalho fica parado.” Ela olhava para o invisível como uma simulação de pessoa, a sua relação com esse novo meio se tornou novo, sendo admirado com mistura de susto, medo e emoções. O seu receio de tocar no aparelho é como se fosse acontecer algo como, pegar fogo, gritar, falar enfim tinham muitas imaginações. A sua relação começou a tecer novos modos de se comunicar, de se relacionar, novas formas de pensamentos, com uma visão talvez desconfiado, trazendo na memória a chegada de primeiros colonizadores com quem tiveram contatos.

Ao chegar a essas potências das informações temos um processo de história que fizeram parte do nosso conhecimento, ou ainda continuam fazendo histórias através de suas memórias, e muitos que fizeram parte dela contam através de livros ou outros meios para que pudéssemos apropriar dessas histórias e seus processos. Fazer memória das gerações dessas grandes máquinas trazem memórias vividas por aquelas pessoas que foram pioneiros a essas informações. Podemos trazer aqui de maneira bem resumida as gerações das informações de computadores até aos nossos dias atuais.

Podemos resumir em memória a partir da sua primeira geração 1946-1954 marcada pela utilização de válvulas como se fosse o tamanho de uma lâmpada que dentro tinha uma composição de eletrodos com sua única finalidade controlar o fluxo de elétrons. A sua origem foi em cartão perfurados que em seguida passaram a ser em fita magnética. Sua representante nesta geração foi o ENIAC. A segunda geração 1955-1964 foi marcada devido a sua substituição da válvula pelo transistor. Que revolucionou a eletrônica os computadores em geral, suas vantagens, não exigiam o pré-aquecimento, seu consumo de energia era bem menor mais rápidos e confiáveis. Em 1950 os transistores foram incorporados aos computadores chamados IBM. Na

segunda geração na linguagem de computadores foram usados a CPU – unidade Central de Processamento, memória, linguagem de programação, entrada e saída foram desenvolvidos. A terceira geração 1964-1977 foi marcada pela utilização dos circuitos integrados, conhecidos como microchips, que possibilitou a construção de equipamentos menores e mais baratos. A IBM liderava o mercado de computadores e que se considerava linguagem de alto nível. A quarta geração 1977-1991 nessa geração os computadores são reconhecidos pelo surgimento dos processadores-unidade central de processamento. Os sistemas operacionais como MS-DOS, UNIX, Aple's Macintosh foram construídos. A sua linguagem de programação orientada a objeto o C++, tendo como sua memória secundária os discos rígidos, impressoras matriciais, os teclados com seus layouts atuais foram criados nessa época.

Aqui tinha os computadores mais confiáveis e mais rápidos, menores e com maior capacidade de armazenamentos. Essa geração também marcada pela venda de computadores pessoais. A quinta geração 1991 aos dias atuais, usam processadores com milhões de transistores. Nesta geração marca o vilão da inteligência artificial e por sua conectividade. A inteligência artificial se tornou bastante utilizada pela maioria de dispositivos pode ser verificada em jogos e robotes ao conseguir desafiar a inteligência humana. A sua conectividade é cada vez mais um requisito das indústrias de computadores. Hoje os computadores se conectam com vários dispositivos aumentando a sua capacidade de processamento e informação.

Na aldeia ou na cidade: mídias digitais e povos indígenas

Como principal foco nesse artigo sobre as mídias digitais e seus impactos sociais, nos remete a um novo cenário de vida dos povos indígenas utilizando os aparelhos celulares. Muitos que não conhecem a realidade indígena se perguntam. Como eles adquirem estes aparelhos? Bem, digo que adquirem de várias maneiras, um deles é a compra à vista, venda ilícitos de terceiros, compra de segunda mão troca entre amigos, compra parcelada entre amigos e assim por diante. Geralmente os aparelhos adquiridos por eles é da última geração ou o mais do último lançamento nas lojas que chegou na cidade ou naquela região onde ele está localizado. E o dinheiro? O dinheiro muitas vezes é do bolsa família, salário de professor, agente de saúde, agricultor com a venda de produtos regionais; farinha, beiju, frutas, bebidas típicas, venda de cestaria, artesanato, e outros que tem o lucro efetivo em real.

Como em outros lugares do Brasil, principalmente nos estados onde concentra-se a maior migração de alta temporada de brasileiros para curtir e aproveitar suas férias, também acontece no Município de São Gabriel da Cachoeira. O maior fluxo de indígenas que se deslocam de suas aldeias para o Município é muito grande nos meses de dezembro as primeiras semanas de março e no mês de julho nas primeiras semanas de agosto, todos os anos a cidade recebe o maior fluxo de Indígenas para fazerem suas compras e aproveitam para passear na cidade, os idosos receberem suas aposentadorias, visitar parentes que já estão há muito tempo na cidade, alguns por causa da saúde e assim por diante. Por ser cidade pequena em muitos casos acontece a desorganização social na cidade devido ao uso excessivo de álcool, exploração sexual ou muitas vezes em casos graves até ao assassinato. Durante a sua estadia na cidade aqueles que levaram os seus pais ou seus avós para receberem seu salário, ou outros profissionais quando recebem seu dinheiro gastam com várias coisas e uma delas na compra de aparelho celular. O maior usuário do mesmo são os homens e quando bebem a ponto de perder sua consciência e sem controle de si, como dizem os idosos falantes de nheengatu “mundá wasú miri” ou “mundá wasú” ladrão, quer dizer ladrãozinho ou ladrão grande, que roubam os seus aparelhos e no outro dia quando estão de boa consciência fica numa situação delicada, e acontece como citei anteriormente.

Outros quando procuram o aparelho para comprar, primeiro ele olha, o seu olhar mesmo de longe como se estivesse conversando com o aparelho, em seguida se aproxima e quando pega é porque já decidiu que vai comprar, os que são acostumados irem pra cidade eles olham e quando acham que vai suprir a necessidade pergunta o preço e fala na sua língua e vai embora, outros ainda perguntam logo o preço e quando querem comprar negocia logo com o vendedor se estiver no seu orçamento ele compra. Os que olham de longe e acham bonito e compram tem sua maior curiosidade de como será usado, quando está com a posse do seu aparelho novo ele tem maior cuidado e guarda com muito carinho como se a partir daquele momento inicia uma nova relação afetiva com o aparelho.

Segundo passo é a compra de chip, geralmente na cidade tem disputa de rede telefônica, nesse município tem três redes, mas a mais disputada é a vivo e claro. Pra quem não conhece a política de seu uso, é fácil de ser manipulado e é isso que acontece com muitos deles. Mas como seu objetivo é seu uso, ele não faz muita questão. Em umas de minha viagem com a minha família, quando ia ao centro sempre presenciava algo do

fato aqui citado, presenciei vários com essa situação, acompanhei para ver como seria seu processo de uso. Então comprou o chip e estava perto porque se precisasse estaria pronto a ajuda-lo, mas não interferi no seu processo porque depois ele pode dizer que interferi e não o deixei comprar como ele gostaria. Percebi que isso acontece para não tirar o seu processo de curiosidade do uso de seu aparelho. Continuando, ele comprou o chip e a moça explicou pra ele de como pode adquirir pacote, mas ele optou em ficar somente com o bônus que a rede oferecia e depois se quisesse colocaria mais crédito para usar. Assim que comprou o chip abriu o celular e teve dificuldade de inserir, e pediu ajuda para inserir o chip e ligar. Expliquei a ele que na cidade precisa ter muito cuidado porque o roubo de celular estava cada vez mais aumentando e que não era pra ficar bêbado na rua. Bem mais sempre os conselhos são deixados de lado. Ele disse que queria usar internet para falar com a filha no “por onde todo mundo fala rápido” não sabia dizer qual aplicativo, e mostrei a ele qual deles e mostrou o ícone de *whatsapp* e do *facebook* porque tinha uma filha em outra cidade e queria falar com ela e pedi o número e disse que estava com outra filha, e como estava sem número não podia fazer muita coisa. Então ele se sentou e começou a desvendar o que tinha no celular. Antes pediu pra ativar a internet a moça que vendeu o chip e lá sentou em um cantinho onde pudesse mexer sem ninguém atrapalhasse e quando ele sentiu que já estava pronto disse: Obrigada moça. E disse se precisar peça a sua filha que ensine em casa, mas que não mexesse na rua. Isso é um fato que presenciamos sempre nesses períodos considerados de “alta temporada na cidade”.

Há o uso homogêneo dos celulares, como em campo acadêmico. Em 2017 fiz parte da rede pública federal de ensino no mesmo município e atuava como professora no ensino médio técnico onde dava aula de técnico em informática por ter a graduação em Licenciatura em Informática pela universidade estadual pública. Então nos primeiros meses tem a adaptação de alunos nos cursos e durante apresentação do curso todos ficaram curiosos. A sua principal curiosidade é no uso de laboratório de informática no seu uso, porque o curso era muito disputado pelas vagas. E quem entra é sinal de que dentro do curso vai prosperar e com objetivo de ter um trabalho, ser professore técnico nas aldeias ou cursar uma faculdade. O ambiente pra mim era complexo porque muitos que vinham das aldeias não tinham contato com o aparelho ou com os dispositivos ou outros que tinham mais possibilidades em poder aquisitivo tinha uma caminhada mais avançada e ainda tinham os intermediários que usavam poucas vezes quando havia oportunidades. Com essas realidades complexas procurei adaptar de maneira que pudesse atender as demandas do curso. A linguagem em si era muitas vezes difícil de entender e

a partir dessa dificuldade surgiu a necessidade de criar projeto com os alunos falantes de língua indígenas Tucano, nheengatu e português e que também dominassem a escrita. A partir desses grupos montamos as metodologias criando conceitos técnicas de informática em língua indígena.

As duas realidades foram bastante diferenciadas uma da outra, muitos alunos não tinha os aparelhos celulares os que tinham compartilhavam a tela mesmo que seja mínimo um com o outro dando a oportunidade de visualizar a tela e os aplicativos que tinha na tela do aparelho. Alguns alunos se mostravam que tinham domínio do mesmo e as vezes há despercebidamente um preconceito sutil dos que tinham. Mas não vem o caso aqui neste artigo, mesmo que esteja em toda parte.

A utilização dos meios de comunicação em aparelhos se dava de várias maneiras, uns para registros de imagem, outros para gravar vídeo e postar no face, gravar áudio e assim por diante. Os alunos dentro de sala não escreviam apenas tiravam fotos, era difícil ver aluno escrevendo. As mudanças de comportamentos começaram a surgir quando os celulares se popularizaram de maneira rápida. O modo de falar de se dirigir a alguém, imitar os modelos das novelas, a vida social mudou de maneira que a sociedade não estava preparada para este novo cenário. Parece que a vida privada não existia mais. Muitos não sabiam diferenciar entre a informação certa ou errada, havia confusão de entendimento. A popularização de aparelhos ajudou a todos se apropriarem da comunicação, os que não sabiam ler, usavam o áudio para se comunicarem, as crianças já nasciam com o celular na mão e sabiam mexer de cima a baixo nos aplicativos, as crianças se tornaram professores dos adultos e os adultos passaram a ser alfabetizado pelas crianças no mundo digital. A partir chamados dos dispositivos móveis conseguimos registrar tudo, mas nem sempre a sua utilização é filtrada causando danos morais a outros.

Vejamos a imagem abaixo:



Imagem 01 - Arquivo pessoal/Pesquisa de campo 2019



Imagem 02 - Arquivo pessoal/Pesquisa de campo 2019

É preciso manusear e utilizar de maneira correta, filtrando as informações. Por não fazer de bom uso pode acontecer casos desagradáveis, a nós mesmos ou aos outros. Os indígenas são vulneráveis a uso desses aparelhos e seus aplicativos.

Mas temos um ponto positivo que as mídias digitais trouxeram para nós durante a pandemia, talvez o uso excessivo dos aparelhos fez com que ajudasse na divulgação sobre o estado de saúde de muitos povos indígenas em tempo de quarentena enquanto o vírus se alastrava desordenadamente no meio dos povos.



Imagem 03 - pesquisa de campo 2020. Em tempo da pandemia

Nesse mundo que antes era estranho se tornou um companheiro virtual para muitos indígenas, foi a potência do virtual que fez com que muitas mobilizações indígenas

pudessem articular suas políticas e demandas de suas realidades pedindo socorro pelas vidas indígenas.

Durante a Pandemia surgiram várias situações e problematizações que afetaram radicalmente a vida de várias aldeias ou de várias famílias. Primeiro o uso da internet limitado em aparelhos celulares, dependendo da rede de telefone. Essa é uma das desvantagens que as aldeias enfrentam e não contribuem para completar as informações que por sua vez chegam com as informações fragmentadas. Algumas desvantagens é a propaganda “enganosa” das redes de internet que é uma das “ilusões” promessa de um plano ótimo, mas infelizmente não tem mínimo, isso em muitas vezes não é levado em conta por falta de conhecimento, não pensando nas consequências e perda de paciência, o uso limitado da internet dependendo da quantidade de créditos, pois dependendo da região e localidade pode ou não funcionar e nesses momentos parece que o tempo sempre é inimigo, e quando se dá conta os créditos se foram, não conseguindo acessar as informações tomado por vezes de decepções.

Durante a pandemia houve um fluxo de comunicação entre aldeias enviando fotos, áudios e vídeos. Ao perguntar e conversar qual a importância dessas tecnologias das informações está na voz de três grandes lideranças, uma delas é do povo Tikuna no Bairro cidade de Deus em Manaus.

“Nós usamos WatsApp!.. Montamos o grupo da FAMÍLIA AcW (Associação Comunidade Wotchimaüçü) e através deste que detalhávamos todos os meio de informações que pudéssemos manter orientações das lideranças para os demais parentes a partir da pesquisas científicas!... então acredito que este processo foi fundamental para encaramos a covid19 e não avançar evitando aglomerações. Quando éramos beneficiados por doações, colocava comunicação no grupo para receber com hora marcada esse foi o ponto forte! (Delmir- Cacique do povo Tikuna-Manaus, 15 de junho de 2020).

Várias lideranças e não lideranças levantaram a importância da comunicação através de tecnologias digitais, pois foi a única forma que restou para se comunicarem com seu povo e as famílias que estavam em vulnerabilidade social. Durante a pandemia as redes sociais foi essencial para comunicação, postando pedido de doações, sejam eles doação de máscara, cesta básica e kit de higiene. Uma das mulheres liderança trazem essa grande importância.

“nós usamos todos os aplicativos.... né... tudo isso, todos eles são importantes para poder receber as notícias das pessoas que

moram distantes e saber o que está acontecendo ao redor do mundo, todos eles são importantes principalmente a gente que deve estar por dentro de tudo o que está acontecendo e estar repassando para outras pessoas que não tem acesso a esses meios de informação, pra mim foi muito positivo pra quem sabe filtrar as informações, agora para quem não sabe e acreditar na fake news isso é um fato negativo”.

(Profª Caludia - Baré 15 de junho de 2020.)

Muitas pessoas até as lideranças indígenas ou não indígenas, usaram ou usam constantemente as tecnologias de informações, alguns indígenas tem um discurso “os indígenas depois que usaram as tecnologias não querem mais ser índio”, “ele não quer mais saber de fazer as coisas de cultura” “não quer mais fazer nada em casa” enfim são vários comentários que ouvimos.

Talvez o que ainda não se atentou é que as tecnologias influenciaram a vida dos povos indígenas isso não podemos negar. Agora o que precisamos estar bem atentos é não subestimar os jovens e as novas gerações, não significa que ao usar as tecnologias pode tirar sua identidade, sua cultura. Pelo contrário, podem contribuir em um mundo em que ele pode dialogar facilmente adquirindo novos conhecimentos e que a geração mais anterior precisa aprender junto. É como se estivéssemos na época de Paulo Freire “educação libertadora” em uma nova linguagem “tecnologia libertadora”. Mesmo com grandes avanços conquistados dessas novas tecnologias precisamos continuar sendo críticos quando for necessário, precisa-se estar sempre ciente de sua cultura em que está inserido.

A Internet é uma ferramenta útil, não uma tecnologia redentora. O determinismo tecnológico não molda o futuro da humanidade: quem constrói o futuro é a humanidade em si, usando novas tecnologias como ferramentas. (Barbrook, 2009)

Nem toda sociedade está preparada para este novo cenário é preciso ponderar certos comentários frente a várias linguagens que são consideradas preconceituosas e antirracista institucional ou estrutural no mundo digital. Uma vez que a construção é gradual dentro da sociedade que sempre está em desenvolvimentos.

Nesse tempo da convi19 os aplicativos ajudaram a divulgar muitas notícias, sejam eles de consolo da perda de um ente querido, familiares e conhecidos, palavra de ânimo, mensagens virtuais, enfim tudo aquilo que ajuda a socializar algo em comum. Dentro do aplicativo todos usam grupos sejam eles de famílias, instituições, associações indígenas,

indígenas individuais, grupos de trabalho corporativo, escolas, empresas e outros com objetivo de se comunicar em grupo.

A existência da web, enquanto espaço de endereçamento que só existe no plano virtual, recoloca para outros espaços ditos reais, a questão da virtualidade, da possibilidade potencial, da transitividade, ressaltando a condição de construção processual do cotidiano e, sobretudo, de uma memória que se encontra em constante construção - uma Memória Criativa. (Leite 2001, p.16)

O espaço da web é o lugar onde a maioria dos indígenas terão que se adaptar ao novo mundo, mais um choque para nossa realidade, mais um acréscimo de ferramentas dessa tecnologia virtual que serão adaptados na vida de muitos povos indígenas. Os artesãos que eram acostumados a vender seus produtos em eventos, exposições universitárias, nas universidades, nos espaços culturais promovida pelos parceiros, enfim temos um dos grandes desafios a serem adaptados tudo online.

Nos em encontros virtuais que o grupo dos artesãos promoviam, sempre era apelado por muitos deles em dizer que não sabia utilizar para esses fins. A sensibilidade de várias parcerias como a Rede Artessol ²ofereceram a formação virtual, para que todos pudessem se apropriar das ferramentas dos espaços digitais e divulgar seus produtos para os clientes. Uma tecnologia de informações que não tem fim e a tendência é cada vez ir aumentando e com eles também nomes e meios de divulgar o produto desses artesãos mais um acúmulo de desafios, agora repensar um novo meio ou novo modelo de venda, como já se não bastasse as interações que temos dentro de uma plataforma.

Portanto as mídias digitais e suas ferramentas se tornaram um vilão do momento que ajudam a desenvolver aprendizagens cognitivas, conhecimento cultural e suas artes, interação social, resgate de memória, salvaguarda de culturas indígenas e outros fins que podem ajudar no desenvolvimento da sociedade. Pode ser que com o passar do tempo se torne um bem patrimonial da informação da humanidade com seus protocolos de uso.

Considerações finais

Diante dessas discussões, reflexões e experiências escritas aqui neste artigo querem apresentar a importância das tecnologias das informações a partir das mídias digitais que favoreça os povos indígenas que estão em contexto e regiões diferenciados.

² A Rede Artesol é um projeto de mapeamento e articulação da cadeia produtiva do artesanato brasileiro. A partir do seu site pode encontrar histórias, lugares e imagens dos produtos artesanais de vários lugares do Brasil feito por artesãos brasileiros e assim contactá-los diretamente. Integram também lojistas, e outros membros de Redes com fomento e instituições culturais que atuam nesse universo.

São várias realidades e desafios que se apresentam, é preciso pensar algo voltada para os povos indígenas que pudessem superar ao menos na sua interação nas aldeias quanto para sua comunicação, na sua aprendizagem e na sua autonomia do conhecimento. O que precisamos fazer para ajudar nesse período é auxiliar em atendê-los de maneira qualitativa nos contextos em que se encontram. Orientar sobre as informações falsas de como elas se apresentam dentro das tecnologias digitais, através de oficina ou roda de conversa sobre esses temas e outros que podem ajudar no desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.

Rocha, Eudson & Alves Lara Moreira. Publicidade online: o poder das mídias. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 20, n. 3/4, p. 221-230, mar./abr. 2010.

Silva, Maria Isabel de Oliveira. A Informática bilingue na inclusão digital, Enfoques, Rio de Janeiro, Edição Especial, XX Jornada PPGSA, pp. 72-82, 2019

<http://producao.virtual.ufpb.br/books/camyle/introducao-a-computacao-livro/livro/livro.chunked/ch01s02.html> (acessado dia 22 de outubro de 2020).

<https://www.artesol.org.br/rede> (acessado dia 21 de outubro de 2020).